

## CAMILO E “O FRADE QUE FAZIA REIS”

Antonio Augusto NERY\*

- **RESUMO:** A coletânea de textos *As virtudes antigas ou a freira que fazia chagas e o frade que fazia reis* é composta por quatro narrativas, sendo que as duas primeiras, as mais extensas, ensejam o nome alternativo que consta no título. Os dois últimos textos, respectivamente “A filha do pasteleiro de Madrigal” e “Um poeta português...rico!”, são menores e estão em um apêndice intitulado justamente “As virtudes Antigas”. Por ter sido publicada em 1868, a obra compõe o corpus do projeto de pesquisa “(Anti) clericalismo em obras de Camilo Castelo Branco” (CNPq), que venho desenvolvendo com o intuito de compreender a forma e o teor dos discursos clericais e anticlericais que são veiculados intermitentemente na ficção camiliana, focando, nesta primeira etapa, produções da década de 1860. Neste trabalho darei atenção à segunda narrativa da coletânea, “O frade que fazia reis”, em que o narrador camiliano relata sua versão da história de frade Miguel dos Santos (1537-1538 (?) – 1595), um dos diversos indivíduos que forjaram o retorno de Dom Sebastião (1555-1578), após o seu desaparecimento na Batalha de Alcácer Quibir (1578). Se na primeira parte do relato temos o narrador exaltando as características positivas do religioso, a partir do momento no qual os planos para a fraude são revelados, as críticas ferinas ao comportamento do frade explicitam-se, fazendo com que a narrativa, a meu ver, constitua-se exemplo importante para se compreender o modo com que Camilo lida com o clericalismo e o anticlericalismo nessa e em outras de suas produções.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Camilo Castelo Branco. “O frade que fazia reis”. (Anti) clericalismo.

Embora questões relacionadas à Religião e à religiosidade presentes na obra de Camilo Castelo Branco (1825-1890) já tenham sido alvo de diversos estudos, muitos desses trabalhos lidam com a problemática a partir de uma concepção biográfica, proselitista ou reducionista, pouco interessada na análise textual em si e não prevendo uma série de recursos empenhados pelo autor para a construção de seus textos como a fina ironia, a crítica social, a expectativa dos leitores e a questão da atenção dada ao mercado editorial.

---

\* UFPR/CNPq – Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Humanas – Departamento de Literatura e Linguística – Curitiba – PR – Brasil. 80060-150 / Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – gutonery@hotmail.com

Como sabemos, muito desses recursos se revelam nas narrativas camilianas, gênero que consagrou o autor, por intermédio de seus narradores, os quais, voltados para si mesmos ou para personagens ou fatos em causa, comentam, refletem, dialogam com leitores, fazem digressões e notas de rodapé, contradizem-se, não raras vezes tecendo críticas ao próprio fazer literário, à sociedade, ao gênero textual no qual está escrevendo – quase sempre o romance e seu subgêneros -, e no que aqui me interessa, às questões concernentes ao universo religioso.

Conforme cada vez mais vem se comprovando (Ferraz, 1987; Franchetti, 2007; Oliveira, 2003; Pavanelo, 2009; 2013) para se compreender profundamente os textos de Camilo, precisamos estar atentos a esses comentários e reflexões, os quais comumente passam despercebidos em uma primeira leitura ou não são entendidos com o estatuto da ironia, muitas vezes desconsiderado pelo tom sério e informativo que o narrador empenha na construção do relato. É nesse sentido que, ao meu ver, uma revisão crítica da onipresente questão religiosa na obra camiliana merece atenção, sobretudo por conta das possibilidades que oferece para uma melhor compreensão acerca da complexidade de diversos textos do escritor e da forma como ele lida com discussões do campo religioso - e não somente -, que estão presentes tanto em seu tempo quanto no nosso.

Em busca disso, nesta reflexão foco minha atenção na coletânea de textos *As virtudes antigas ou a freira que fazia chagas e frade que fazia reis*, publicada em 1868, e composta por quatro narrativas: as duas primeiras, as mais extensas, ensejam o nome alternativo que consta no título, as duas últimas, respectivamente “A filha do pasteleiro de Madrigal” e “Um poeta português...rico!”, são menores e estão em um apêndice intitulado justamente “As virtudes Antigas”.

Por ter sido publicado na década de 1860, esse texto faz parte do corpus de uma pesquisa que venho desenvolvendo com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), na qual busco averiguar a forma e o teor dos discursos anticlericais que são veiculados intermitentemente na ficção camiliana, focando, nesta primeira etapa, em produções da referida década.

Em outra oportunidade, já pude me dedicar à “A freira que fazia chagas”<sup>1</sup>, texto que narra a história de Maria da Anunciada, religiosa de caráter questionável, que fabricada estigmas na Lisboa do século de XVI a fim de angariar fama religiosa e política. Aqui me deterei sobre “O frade que fazia reis”, narrativa que tal qual a anterior, é pautada na história de um indivíduo real, com sua existência documentada na historiografia oficial. Os registros, feitos sobretudo em livros e documentos

---

<sup>1</sup> Apresentei uma intervenção com o título “A freira que fazia chagas” no Colóquio “Camilo. Gênese e Recepção”, organizado pelo Centro de Culturas e Literaturas Lusófonas e Europeias da Universidade de Lisboa, realizado on-line, entre os dias 11 e 12 de Novembro de 2020. O texto, fruto desta reflexão, foi publicado no volume: MARTINS, Serafina; SOBRAL, Cristina; PIMENTA, Carlota. **Camilo Castelo Branco - Gênese e Recepção**. Lisboa: Bertrand Editora, 2023.

antigos são, inclusive, citados pelo narrador camiliano, que supostamente teria tido acesso a eles para a construção de seu relato.

Também darei atenção, mas ao fim da reflexão, ao apêndice “A filha do pasteleiro de madrigal”, continuidade direta do texto do qual me ocuparei. Cabe mencionar que da coletânea como um todo, tendo em vista meu trabalho anterior, não deterei atenção somente sobre o último apêndice “Um poeta português rico...!”, um texto curto, centrado na história de um escritor romântico incompreendido, que não detém discussões voltadas aos meus propósitos.

O enredo de “O frade que fazia reis” gira em torno de frade Miguel dos Santos (1537-1538 (?) – 1595), personagem que ficou conhecido na história portuguesa por ter tentado forjar um dos diversos retornos de D. Sebastião (1555-1578) à vida, após a batalha de incentivando um seu conhecido, pasteleiro da cidade de Madrigal, atual província de Ávila, na Espanha, a assumir a identidade do Encoberto. O objetivo do frade era restituir o trono português ao falso D. Sebastião e, na sequência, com a abdicação já combinada, instituir seu amigo D. Antonio (1531-1535), prior do Crato, como rei de Portugal. (Coral, 2010; Mackay, 2012; Marques, 1997).

Para além dos detalhes sobre a fraude em si, é inegável que a narrativa tem interesse especial sobre o caráter e as ações do protagonista, e, portanto, com o enredo girando totalmente em torno dele, ao investigar as proposições do narrador sobre sua postura religiosa, muito ficamos sabendo sobre seus interesses acerca dos fatos históricos correlatos ao contexto no qual os acontecimentos se desenvolvem.

Por exemplo, na medida em que temos a imagem positiva do frade deslindada, também temos informações sobre seu vínculo com situações e personagens ligados ao reinado de D. Sebastião e ao episódio de Alcácer-Quibir. Vínculo esse que se perfaz por conta da atuação profética do religioso, contrária às ações dos portugueses no campo de Batalha:

Fr. Miguel tinha honrado o pulpito lusitano, e ganhado o afecto de seus soberanos, desde D. João III até D. Antonio, o prior, que ele ajudára a coroar e por amor de quem se batêra. bravamente em Alcantara. Cingia a frente do insigne frade uma aureola de profeta desde que, no pulpito da Graça e nas praças de Lisboa, presagiára o desastre de Alcacer-el-quibir, a tempo que os preparativos da funesta jornada estrondeavam. Para muitos de seus ouvintes, fr. Miguel era doido e não profeta: que os fidalgos agravados da audacia do graciano, antes queriam voltar costas ao Sandeu que descerem-se a contender com o prenuncio da perdição do reino. O frade arguia os vícios da sociedade, maiormente os da fidalguia, para a qual Deus estava preparando severo castigo nas areias africanas. (Castelo Branco, 1920, 126)<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Mantive a grafia da edição consultada para o desenvolvimento desta análise: CASTELO BRANCO, Camilo. **As virtudes antigas ou a freira que fazia chagas, e o frade que fazia reis – um poeta**

Mais da metade do enredo é formada com a transcrição do sermão de exéquias proferido por frade Miguel dos Santos aos retornados da batalha, suas famílias e demais ouvintes, na Capela Real do Mosteiro dos Jerônimos, em 19 de setembro de 1578, logo após o desaparecimento de Dom Sebastião na Batalha de Alcácer Quibir. Antes de se deter sobre a homília propriamente dita, o narrador informa que o frade foi um crítico da empreitada desejada por D. Sebastião, profetizando que o combate seria frustrado devido à ganância dos portugueses. Por conta do alerta, ele teria sido rechaçado pela corte, algo que parece ser bem visto pelo narrador, no sentido de propor a personagem como um religioso destemido que enfrenta as mais diversas oponências e hostilidade, a fim de difundir suas convicções, pautadas em princípios evangélicos.

Em clara tentativa de expor o destemor e a intrepidez do frade, a serem explicitadas ao longo da transcrição da homília, o narrador apressa-se em abrir uma nota de rodapé, tão logo anuncia que o religioso fora convidado a proferir o sermão das exéquias do rei, em 15 de setembro de 1578. A tentativa da nota parece ser a de demonstrar que fora o teor da fala do religioso o responsável pelo discurso não ser conhecido até o contexto do narrador:

Este discurso funeral, dignissimo de ser estampado desde a hora em que foi escutado quanto os convulsos gemidos permitiam, não saiu da pasta do orador, senão para ser trasladado por algum curioso. É bom de aventar o motivo d' esta injustiça á peça concionatoria mais historica e eloquente d'aquelle tempo. É que o sermão ofendia a nobreza e o clero. Se resalvava a classe popular, essa valia pouquissimo para contrapôr-se ás repugnancias da censura. (Castelo Branco, 1920, 89)

A homília a princípio busca confirmar as profecias feitas pelo frade e justificar a impossibilidade de se compreender os desígnios de Deus, sobretudo no que se referia à derrota e ao desaparecimento do soberano. Para tanto, Miguel retoma uma infinidade de passagens bíblicas, sobretudo do Antigo Testamento, conectando-as à realidade portuguesa daquele contexto, no qual o pessimismo grassava, sobretudo por conta do desaparecimento do rei e do trono usurpado por Filipe II de Espanha (1527-1598).

Nas longas citações da fala constam figuras de linguagem, metáforas, trechos em latim e uma série de recursos típicos da retórica e da oratória que atestam e ilustram o grande conhecimento do religioso, claramente valorizado pelo narrador camiliano, cujo relato de princípio não apresenta frade Miguel como aquele que orquestra uma das tentativas de trazer D. Sebastião à vida, com objetivo específico de reconquistar o trono português em favor de D. Antonio do Crato.

---

**português...rico!.** 3ª ed, Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1920.

Portanto, na leitura de mais da metade do enredo, percebe-se a clara adesão do narrador à postura do frade, antes e depois do ocorrido em Alcácer Quibir, o que me faz pensar, quando retomo meus objetivos, que Camilo, nessa parte do relato, está mais uma vez, via narrador nada imparcial, propondo a postura de um religioso modelar, que além de deter ilustração e cultura invejáveis, detém também ética e moral elevadas, não se abstendo de se posicionar clara e objetivamente contra o que julga contrário aos Evangelhos e à uma atitude cristã autêntica, sem se importar com as consequências de seus posicionamentos. Consequentemente, tal qual em outras obras do autor, o mesmo se esperara da instituição religiosa que representam e dos fiéis que ouvem esses religiosos ilibados e os seguem. Ou seja, na figura modelar do “religioso camiliano”, transparece para o narrador camiliano também a figura modelar da Igreja e dos religiosos, de um modo geral.

Entretanto, na narrativa aqui em causa há uma guinada interessante a partir do momento em que temos a finalização das descrições da longa homília proferida na capela real e passamos à descrição da confabulação orquestrada por frade Miguel para trazer D. Sebastião à vida. Abruptamente, o narrador muda o tom e passa a tratar a personagem como um indivíduo questionável, cujos intentos colocam em xeque seu caráter: “Se ele monologasse em voz alta as suas cogitações, quem lhas ouvisse, lastimaria a subita demencia de varão por tanta maneira virtuoso e Sabio” (Castelo Branco, 1920, 125)”.

Já temos, nesse momento, apresentado Gabriel de Espinosa, um Pasteleiro de Madrigal, Espanha, amigo do frade, a quem um atormentado Miguel expressa seus sofrimentos, agruras e contrariedades sobre o desaparecimento de Dom Sebastião, a usurpação do trono e a condenação ao exílio de D. Antonio do Crato, um seu grande amigo:

Quando voltou á residencia, já encontrou Gabriel de Espinosa. Sentando-o á sua mesa de almoço, tratou-o como de mano a mano com desacostumada cordialidade. Revelou-lhe segredos de estado com que sua alma, trabalhada de pe nas, já mal podia ter-se sem desabafar. Fallou de Alcacer-el-Kibir, do seu chorado D. Sebastião, e de D. Antonio, misero exilado, que se finava de fome em França, e esmolava as camisas que vestia. Enternecido a lagrimas, fr. Miguel obrigou a chorar o seu commensal com espanto dos dois. (Castelo Branco, 1920, 126)

Na medida em que Miguel deslinda para o interlocutor o plano da fraude, que tinha o próprio Espinosa como principal protagonista, o narrador passa de forma flagrante a criticar o religioso, sobretudo no que se refere à sua perfídia e inescrupulosidade. “Acaba a amizade” e a narrativa de Camilo se dedica a detalhar a farsa orquestrada por Miguel, que incluía Espinosa reivindicando o trono como D.

Sebastião, Filipe II abdicando em nome dele, e, por fim, Espinosa “D. Sebastião” abdicando em nome de D. Antonio do Crato.

Para dar mais legitimidade à farsa, frade Miguel, tendo como sua discípula espiritual, encerrada em um convento, D. Ana de Áustria (1568-1629), sobrinha de Filipe II e neta do imperador Carlos V de Áustria, I de Espanha (1500-1558), ludibriaria a jovem a se casar com “o retornado”.

A proposta foi rapidamente aceito por Espinosa, bastante motivado pelos benefícios que o enlace lhe proporcionaria em termos de fama e riquezas, sobretudo por conta da filiação da jovem religiosa, que na farsa seria difundida como sendo uma das filhas do imperador Carlos V :

O frade abriu sua candida alma ao aventureiro, prometendo-lhe não já o throno de Portugal; mas as delicias de sobejas riquezas onde as quizesse incognitamente gosar, logo que o legitimo soberano recebesse a corôa de suas mãos. O legitimo soberano seria D. Antonio; o qual se apresentaria aos portuguezes logo que o entusiasmo e a rebelião contra o usurpador lhe assegurassem a victoria. Chegando este momento, o pasteleiro, descoberto impostor, trocaria o sceptro pela gratificação prometida. No intento de colorir a ilusão, Gabriel, a tempo de ser aclamado, estaria já casado com uma sobrinha de Filipe II, com sua prima D. Anna d’ Austria, confessada de fr. Miguel. E o pasteleiro, empestado logo do contagio do frade, não hesitou em ser rei, tirando a partido que á ficção do reinado lhe ajuntassem a realidade do casamento com a filha de D. Carlos d’ Austria. Quanto a renunciar ao sceptro de D. Manuel, mui de vontade praticaria tamanha gentileza em obsequio a D. Antonio. (Castelo Branco, 1920, 129)

Após dar detalhes do plano, o tom narrativo já está prenhe da típica ironia crítica camiliana ao se referir ao religioso, bastante diferente no que ocorria linhas atrás. Além do mais, talvez para adensar sua reprovação à farsa e, concomitantemente, advertir o leitor que a história que vem contando é “verídica”, pautada em relatos oficiais, o narrador faz a seguinte declaração: “Ha de parecer essencia de absurdo isto que se vae referindo com a mão sobre a historia, sobre os processos e testemunhas irrefutaveis que o leitor consulta, se quizer, no já citado livro do senhor Miguel d’ Antas<sup>3</sup>.” (Castelo Branco, 1920, 129).

---

<sup>3</sup> Logo na primeira nota de rodapé da narrativa, temos a explicação do narrador sobre de onde ele teria conseguido a cópia do sermão do frade, que se esmera em transcrever. Vale mencionar que a remissão ao escrito de Miguel D’ Antas se refere à menção feita na narrativa anterior da coletânea, “A freira que fazia chagas”. Lá, ao mencionar textos que da época dos acontecimentos, temos a seguinte explicação, seguida de uma nota de rodapé: “Outra mensão da religiosa se nos depara em uma carta que D. Anna d’ Austria escrevia em 1595, desde o mosteiro de Santa Maria-la-Real a seu tio Filipe II. D. Anna estava encarcerada e processada por ter não só protegido que também amado um pasteleiro do Madrigal, de nome Gabriel de Espinosa, que se dizia el-rei D. Sebastião. A filha de D. João d’ Austria,

Assim é que mesmo diante de problemas aparentemente intransponíveis para levar a cabo a artimanha, como é o caso da diferença de idades entre o Encoberto, que contaria naquela altura quarenta e um anos, contra sessenta de Espinosa, são facilmente resolvidos pelos dois charlatões, sem nenhum escrúpulo: “Verdade era que o defunto rei, se vivesse, de veria contar quarenta e um annos, ao passo que o pasteleiro orçava por perto de sessenta. Isto não desanimou o frade. Gabriel tingiu os cabellos, e simulou quarenta annos excrucitados de amarguras. A verosimilhança era pouquissimo ofendida.” (Castelo Branco, 1929, p. 158).

As semelhanças com a narrativa anterior da coletânea, “A freira que fazia chagas”, também começam aqui a se evidenciar, não somente no modo como o narrador passa a julgar o protagonista, mas na ênfase dada à absurda fraude engendrada por um religioso, a fim de conseguir benefícios escusos.

E aqui cabe mencionar um detalhe que pode passar despercebido ou tido apenas como mais um recurso para estabelecer conexão, coerência ou mesmo verossimilhança entre as duas maiores narrativas da Coletânea. Logo no início da história de Frade Miguel temos a seguinte informação:

Até ao lance de lhe ensaboarem os symulacros das chagas, a prioreza da Anunciada, como mais dito é, foi pregoada santa por varões em que mais lustravam virtude e saber [...] Quem sobreviveu ao opprobrio de Maria da Visitação foi um frade graciano, prégador regio, provincial dos agostinhos, formidável inimigo de castelhanos, e visitante habitual da grade onde a santa se amostrava como graça divina aos que mereciam, mediante ella, entrever o paraizo. Chamou-se o frade Miguel dos Santos. (Castelo Branco, 1920, 86)

Ou seja, já estava antecipada a máxima, “diga-me com quem tu andas que eu te direi quem és”, antes mesmo de sabermos das ações posteriores de frade Miguel, que levam o narrador a mudar sua relação com a personagem.

Depois de descrever as agruras que todos os envolvidos passam após a descoberta do plano, o narrador demonstra não ter condescendência nem mesmo

---

defendendo-se do crime de ter acreditado no impostor, escrevia ao rei, seu tio: «É para admirar que eu me enganasse, quando o imperador e até Vossa Magestade tiveram em conta de santas a religiosa da Anunciada de Lisboa, e Magdalena da Cruz, ás quaes favoreceram?...» (1)” (Castelo Branco, 1929, p. 65). Já na nota de rodapé consta o seguinte: “(1) \* Carta extrahida do *Archivo de Simancas* pelo Sr. Miguel d’Antas, auctor do valiosissimo livro in titulado *Les faux, D. Sébastien*. Paris, 1866.” (Castelo Branco, 1929, p. 65). Assim, a meu ver, fica patente o interesse do narrador em indicar que a história de frade Miguel dos Santos está bastante atrelada à de Maria da Anunciada, “A freira que fazia chagas”, o que confere unidade à coletânea, sobretudo no que se refere à comportamentos religiosos réprobos. Com isso, está evidente que o título do volume “As virtudes antigas” não somente deve ser interpretado como sendo irônico, como também sendo uma crítica incisiva a possível saudosistas, contemporâneos do narrador – ou talvez do próprio Camilo – que julgavam haver no passado mais indivíduos virtuosos que no presente.

com as torturas que Frade Miguel sofre para confessar seus crimes, reiterando a crítica ao comportamento reprovável do religioso: “Fr. Miguel, o ancião que já não tinha aço de musculos correspondente á robusta protervia do espirito, jurou e prejurou; ora afirmava as negativas de ha pouco; ora, relaxadas as cordas afflictivas, insistia em subterfugios desprezíveis. Nunca se víra tanta abjecção de par com tão perversos propositos!” (Castelo Branco, 1929, p. 164).

Mas é inegável que o açodamento crítico se dá sobretudo quando temos notícias acerca do destino trágico que a “ânsia” do religioso casou sobretudo à “três vítimas” (Castelo Branco, 1929, p. 166): D. Ana de Áustria, Iñez Cid, amante de Gabriel de Espinosa, e à filha do casal, Clara Eugénia. Para que a farsa fosse levada à cabo, o ludíbrio operado pelo religioso incluía que D. Ana acolhesse a filha pequena de Gabriel como sendo sua, e a mãe verdadeira da menina, Iñez Cid, fosse apenas tida como ama de leite da criança:

O sacerdote havia desgraciado e infamado para sempre a sua filha espiritual; todavia, forcejava por declinar a maxima responsabilidade sobre a seduzida senhora! Ao miseravel não lhe doía que ao rosto da sua confessada cuspissem o ferrete de mãe, e mãe de uma filha de Gabriel, o pastelleiro! [...] Anna d’Austria, condemnada a perpetua reclusão no cubiculo d’outro mosteiro, e privada das honras de seu nascimento e ainda dos foros de religiosa, foi a mais infamemente sacrificada pelo agostiniano, sabido que o vilão tinha de plano ajoujal-a ao destino do pasteleiro. A neta de Carlos V, logo que seu marido fosse convicto e impostor, e D. Antonio proclamado rei, que faria de si a não ter o honrado animo de se estrangular? Ha ahi coisa para grande assombro: D. Anna d’Austria ainda viveu trinta annos. A meu juizo, o que lhe deu alma para tão longa vida foi a satisfação de saber que o di rector da sua consciencia, o maldito que a maneatará ao tronco da ignominia, estrebuchára na forca da Plaza mayor de Madrid, no dia 19 de Outubro de 1595. (CASTELO BRANCO, 1929, p. 165).

No final da narrativa, temos a notícia de que a ira de Filipe II alcançou a todos: o Frade e a Gabriel foram mortos enforcados, D. Ana enclausurada em um convento, com uma série de restrições, e Iñez juntamente com Clara Eugénia foram expulsas do Madrigal, com o narrador prometendo informar qual destino tiveram.

É assim que tem início o pequeno apêndice “A filha do pasteleiro de madrigal”, no qual o narrador, em sua contemporaneidade, está em busca dos herdeiros de Clara Eugénia, a suposta filha de Ana de Áustria, que, por isso, teria relegado a seus descendentes o sangue real. Ainda parecendo não tratar a consanguinidade como uma farsa, temos no relato a descrição pormenorizada das diversas gerações de indivíduos provenientes de Clara Eugénia. Quando, por fim, o narrador encontra o último descendente, temos um interessante relato irônico sobre a nenhuma importância que isso tem para aqueles idos oitocentistas, pois, de acordo com o



homem, um mordomo que só teria sobrevivido até ali por conta da caridade de certo desembargador, se o “nome real” não gera dinheiro, para nada serve.

Serão nas últimas linhas do apêndice que o narrador deixa entrevisto que tanto no relato anterior quanto nesse pequeno texto ele estaria lidando com uma possível farsa, pois ao se referir ao mordomo, o classifica como: “o último representante de D. Clara Eugénia, filha, **ao que parece**, de D. Anna d’Áustria” (Castelo Branco, 1929, p. 158, grifo meu)

Tendo em vista meu intento, preciso marcar que mesmo no apêndice, no qual a figura de frade Miguel não é mencionada, nota-se que se não fosse pelo seu plano mirabolante, uma série de destinos não teriam sido marcados de forma trágica.

Encerro propondo que em “O frade que fazia reis” temos um bom exemplo da forma como Camilo lida com a caracterização de personagens religiosas e, a partir delas, com questões concernentes à Religião e à religiosidade. Tal qual outras narrativas que venho estudando, parece mesmo haver uma proposta ou resposta camiliana à um tipo de religião e de religiosos que não se quer ou que não se suporta, não somente no contexto no qual as histórias se passam, mas também no contexto oitocentista no qual estão sendo publicadas. Concomitantemente, o contrário também se aplica: Religião e religiosos que se quer e que se suporta em ambos os contextos.

Os resultados iniciais da pesquisa que venho desenvolvendo, centrada somente em textos publicados nos anos 1860, já vêm confirmando uma das hipóteses iniciais da investigação, qual seja, a de que questões relacionadas à religiosos, à Religião e demais discussões correlatas a esses temas, extravasam explicações fáceis quando se trata da obra de Camilo. Mais do que um mero anticlericalismo, mais do que uma oposição rasa e rasteira ao pensamento secular que atravessa o século XIX, mais do que a adesão a esta ou aquela tendência ideológica, o que parece haver na obra do autor é uma forma bastante própria, bastante “camiliana” de compreensão dessas problemáticas, que merece ser melhor descrita.

Escusa dizer, mais é preciso, que a complexidade supera explicações mais fáceis e sedutoras relacionadas à biografia do autor, à sua já sabida relação permanente com questões religiosas e, sobretudo, à ideia de Penitente, desde sempre atrelada à sua imagem e obra.

NERY, A.A. Camilo and “O frade que fazia reis”. **Itinerários**, Araraquara, n. 57, p. 149-159, jul./dez. 2023.

■ **ABSTRACT:** *The collection of texts *As virtudes antigas ou a freira que fazia chagas e o frade que fazia reis* is made up of four narratives, the first two of which, the longest, give rise to the alternative name that appears in the title. The last two texts, respectively “*A filha do Pasteleiro de Madrigal*” and “*Um poeta português...rico!*”, are smaller and are*

*in an appendix entitled “As virtudes antigas”. Having been published in 1868, the work forms the corpus of the research project “(Anti) clericalismo na obra de Camilo Castelo Branco” (CNPq), which I have been developing with the aim of understanding the form and content of clerical and anti-clerical discourses which are published intermittently in camilian fiction, focusing, in this first stage, on productions from the 1860s. In this work I will pay attention to the second narrative in the collection, “O frade que fazia reis”, in which the camilian narratee tells his version of friar’s story Miguel dos Santos (1537-1538 (?) – 1595), one of several individuals who forged the return of Dom Sebastião (1555-1578), after his disappearance in the Battle of Alcácer Quibir (1578). If in the first part of the story we have the narrator extolling the positive characteristics of the religious, from the moment in which the plans for fraud are revealed, the fierce criticisms of the friar’s behavior become explicit, making the narrative, in my opinion, constitutes an important example to understand the way in which Camilo deals with clericalism and anti-clericalism in this and other of his productions.*

■ **KEYWORDS:** Camilo Castelo Branco. “O frade que fazia reis”. (Anti)clericalism.

## REFERÊNCIAS

CASTELO BRANCO, Camilo. **As virtudes antigas ou a freira que fazia chagas, e o frade que fazia reis – um poeta português...rico!**. 3ª ed. Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1920.

CORAL, Carlos Jokubauskas. **O último Avis, D. Antônio, o antonismo e a crise dinástica portuguesa (1540-1640)**. Orientadora: Ana Paula Torres Megiani. 2010. 234 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-24092010-121750/pt-br.php>. Acesso em: 27 setembro 2023.

FERRAZ, Maria de Lourdes. **A ironia romântica – Estudo de um processo comunicativo**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1987.

FRANCHETTI, Paulo. **Estudos de Literatura Brasileira e Portuguesa**. Cotia: Ateliê, 2007.

MACKAY, Ruth. **O padeiro que fingiu ser rei de Portugal**. Tradução de Talita M. Rodrigues. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2012.

MARQUES, João Francisco. “Fr. Miguel dos Santos e a luta contra a União Dinástica: o contexto do falso D. Sebastião de Madrigal”. **Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**. Porto, II série, volume XIV, p. 331 – 388, 1997. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/8705/2/2084.pdf>. Acesso em: 27 setembro 2023.

MARTINS, Serafina; SOBRAL, Cristina; PIMENTA, Carlota. **Camilo Castelo Branco - Gênese e Recepção**. Lisboa: Bertrand Editora, 2023.

OLIVEIRA, Paulo Motta. Da ficção camiliana como interpretação de Portugal. **Anais do XIX Encontro Brasileiro de Professores de Literatura Portuguesa**. Curitiba, CD-ROM, p. 849-854, 2003.

PAVANELO, Luciene Marie. **Camilo Castelo Branco e Joaquim Manoel de Macedo: convergências na ascensão do romance nas periferias do capitalismo**. Orientador: Paulo Fernando da Motta de Oliveira. 2013. 260 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-29072013-095304/pt-br.php>. Acesso em: 27 setembro de 2023.

\_\_\_\_\_. **Entre o Coração e o Estômago: o olhar distanciado de Camilo Castelo Branco**. Orientador: Paulo Fernando da Motta de Oliveira. 2008. 127 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8150/tde-25082009-151642/pt-br.php> . Acesso em: 27 setembro 2023.

